UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR EM SAÚDE / CAMPUS ANÍSIO TEIXEIRA – IMS/CAT
COORDENAÇÃO DE AÇÕES AFIRMATIVAS E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL - COAE

14 DE DEZEMBRO DE 2020 – 1ª EDIÇÃO

JORNAL COAE

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

O Projeto VEZ e VOZ surgiu como alternativa de permanência simbólica na Universidade Federal da Bahia - UFBA e culminou na criação do **I Web Jornal COAE** idealizado pela servidora Sheila Rodrigues Cardozo Caracas, implementado com a colaboração da equipe da Coordenação de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil - COAE.

Compreendendo que a permanência estudantil é condicionada por inúmeras variáveis esta edição traz textos produzidos pelos discentes assistidos pela COAE, a partir dos relatos de como a permanência estudantil foi afetada pela pandemia de Covid-19.

Cada exposição elaborada com suas peculiaridades e realidades tão diversas foi essencial para repensarmos novos caminhos para a educação superior neste momento tão atípico. Assim, a COAE agradece a todos que participaram desta edição.

Imagem da UFBA – IMS/CAT

ESTRANGEIRO NO MEU LAR: MAS ONDE É O MEU LAR?

Autores:

- **Hebert Luan Pereira Campos dos Santos – Medicina - 5º Semestre**
- **Fernanda Beatriz Melo Maciel – Medicina - 5º Semestre**

Cedo os barulhos das panelas começam a se acomodar no fogão. Corro e olho no despertador: 5h da manhã. Reacomodo os olhos na tentativa de voltar a dormir e sigo ouvindo o barulho dos pássaros a anunciar que o dia já se iniciou. Esse ritual se repete durante quase todos os dias da semana e eu que aqui morei por tanto tempo esqueço-me de uma rotina tão comum. Parece tudo novo e, sobretudo, tudo desajeitado dentro de uma rotina constante de reuniões, aulas e atividades dentro de um novo normal.

Por aqui, tudo se pinta em novidade: janelas, paredes e a vizinhança que outrora me viu crescer. Eu-estrangeiro sigo tentando me acomodar, paradoxalmente, nesse lugar que um dia chamei de meu e que me viu crescer. Estranho sentir-me um eu-estrangeiro aqui, onde construí os laços mais fortes, moldei a minha personalidade e trilhei pelos livros.

Hoje, eu-estrangeiro passo a desconhecer esse lar que um dia foi tão meu e que jamais me imaginei voar.

O carro do leite passa buzinando, como se houvesse horário marcado, pontualmente, às 6:30h. Levanto e, como programado, acomodo-me na expectativa de que hoje darei conta de todo conteúdo - os antigos e os novos. O rito do remoto se inicia: liga notebook, entre uma travada e outra, espera quase 15 minutos para que ele esteja a ponto de bala, checa e-mail, olha as notícias e inicia as atividades programadas.

Sigo confiante na esperança de acabar aquilo que comecei há mais ou menos duas semanas. Lamentavelmente, os conteúdos e os dilemas existenciais seguem se acumulando, atravessados pelo que chamam de pandemia da COVID-19.

Subitamente, 11h da manhã e a sensação de nada feito. No fundo,

minha avó relembra que o relógio não para e grita: cata o feijão aqui para mim enquanto vou estender as roupas. Eu-estrangeiro sigo atônito assistindo à programação inconclusa acumular-se em constantes atividades, atribuições, aulas e reuniões remotas. A cada grão de feijão que cai na panela a esperança de semear que tudo isso passe logo.

Para além das incertezas que permeiam o futuro - instável, incerto e certo de muitas mudanças, a COVID-19 deu luz a reflexões que se resumem em questionar: E onde é o seu lugar? Após quase 5 anos fora, retomo com a sensação de que estou estrangeiro. Sabidamente, meu primo de 7 anos questiona: - Já decidiu qual é o seu quarto? Você já morou aqui?

Emudeço e sem respostas, mando ir direto escovar os dentes. Volto para o notebook, abro mais um livro em PDF e, confiantemente, certo de que terminarei o conteúdo programado para esta manhã, reduzo a luz da tela e preparo-me para anotar os pontos do assunto: recordo-me que todo estojo e material de estudo ficou por lá pela Suíça Baiana, já que ninguém esperava que tudo se modificaria tanto. Concentro-me, leio duas páginas e ouço a vizinha chamar: - Dete, Ôh Dete... Ocupo-me. Minutos depois: - Menino, a filha de Marizete está internada. Tão dizendo que é esse vírus desgramado. Saiu alguma coisa dessa vacina?

Tomo a conversar até descobrir quem é a filha de Marizete.

O pito da panela de pressão começa a sinalizar que já passavam das 12:30h e que, pontualmente, às 13:30h a aula se iniciaria pelo Zoom. A sensação de nada feito volta a pairar. Corro, organizo o espaço, conecto o carregador no notebook - constante companheiro das atividades remotas, regulo o brilho da tela e conecto o fone. Do fundo da cozinha ecoa: - Já está pronto. Esse menino é o dia todo nesse notebook. Não sei como as vistas aguentam. Venha comer, saco vazio não para em pé.

Comida no prato, microfone e câmera desligada. O professor dá boa tarde e inicia. Antes de passar para o próximo slide, sinaliza:

- Antônio, desliga seu microfone pois está dando interferência. Entre uma garfada e outra, os slides passam de pressa e as dúvidas seguem se acumulando. O professor mais uma vez questiona: - Gente, tudo bem até aqui? Vocês estão me acompanhando? O silêncio das telas o fazem seguir sem saber se os alunos entenderam ou mesmo se ali estão. Do outro lado, contraditoriamente, microfones afônicos seguindo nesse novo normal.

No lar-estrangeiro rotina normal: liquidificador batendo, TV ligada, diálogos na tentativa do tempo passar e um eu-estrangeiro tentando entender e caber num espaço que outrora foi meu.

Reclamo e relembro: - Estou em aula. O silêncio paira, mas poucos minutos depois… o barulho retoma a ecoar entre a sala e o quarto-estrangeiro. Assim sigo na tentativa de me readequar a este novo normal e adaptar-me nesse lar-estrangeiro. Intenciono em abrir o microfone, mas lembro-me que o barulho dos fundos somado ao lavar dos pratos da cozinha dificultará o ressoar da minha voz… emudeço… e seguimos acumulando dúvidas e incertezas: Onde é o meu lar? Quando tudo isso irá passar? Irá passar? Quando vou me formar? Rapidamente, todos esses dilemas são interrompidos com um grito: - Olha o leite fervendo no fogo para não derramar.

Desconecto o fone de ouvido e corro para cozinha para filtrar a atenção entre o som da aula, da TV e o leite que, maldosamente, intenciona em sujar todo o fogão. Na TV, o jornal nos atualiza e recorda o tanto de vidas que se foram: 167.497. Sem tempo nem mesmo de processar o que isso significa, o eu-estrangeiro volta a questionar: quando tudo isso acabará? O professor se despede e os microfones afônicos se desligam e seguem mudos e cheio de dúvidas.

Agora, já quase 18h da noite, preparo-me para comprar o pão. E, como ritual, para além da máscara e do álcool em gel, agora, visto-me de dúvida: mas onde é o meu lar? O eu-estrangeiro segue sendo levado pelas dúvidas e incertezas do novo normal demandado pela pandemia da COVID-19.

DESAFIO DA PERMANÊNCIA NUMA UNIVERSIDADE ONLINE

Autor: Fabrício Santos Sousa – Psicologia - 5º Semestre

Imagem do discente

Encerrar as atividades acadêmicas de maneira tão abrupta como ocorreu em março de 2020 foi uma surpresa para todos nós, mal sabíamos de tantos outros desafios que estariam por vir. É sabido que a universidade pública é permeada pela diversidade e constituída de saberes e seres heterogêneos, estes últimos, por sua vez, são compostos por características que os diferenciam entre si, tornando-os sujeitos únicos numa universidade singular.

Os espaços da universidade propiciam as mais diversas experiências destes sujeitos, tanto no âmbito formativo quanto no das relações pessoais. Diante disso, é inegável que retornar ao ambiente familiar possa causar certa estranheza ou desconforto para muitos, partindo do pressuposto de que nem toda família é base e sustentáculo para todos. Comigo não houve essa

estranheza ou incômodo, até me sinto privilegiado por estar inserido num contexto familiar harmonioso e fiquei feliz por saber que a pandemia estava me dando essa oportunidade de retornar à minha casa, ao convívio com aqueles que tanto amo.

No entanto, é inegável que o ambiente familiar nem sempre é favorável aos estudos, pois a quantidade de distrações é imensa. É difícil ficar tanto tempo concentrado num local em que tantos querem e pedem sua atenção. Atrelado a isso, outras dificuldades foram surgindo, principalmente no acompanhamento das aulas online, pois tenho deficiência visual (baixa visão) e me esbarrei em diversas limitações nesse semestre. Dentre as necessidades educacionais especiais que possuo, menciono as seguintes: fontes de textos ampliadas, recursos de acessibilidade digitais, ferramentas de adaptação específicas para o uso do computador e celular, além de equipamentos como o *tablet* e lupas.

Nesse sentido, os auxílios financeiros concedidos pela universidade são ainda mais importantes para alunos que necessitam de recursos de acessibilidade para o acompanhamento das aulas. Contudo, há algumas regras que dificultam ou impossibilitam o aluno com necessidades educacionais especiais, especificamente, de solicitar tais auxílios. Apresento aqui o primeiro obstáculo que encontrei no Semestre Letivo Suplementar (SLS), a solicitação dos auxílios de inclusão digital. Conforme edital Nº 09/2020 que abriu processo seletivo para solicitação de auxílio de apoio à inclusão digital no SLS, os alunos que já possuem formação de nível superior não poderiam solicitar os auxílios, situação na qual me encontro.

Mas surge um questionamento: portar um diploma significa ter vida financeira suficientemente estável, que assegure a permanência na universidade? Creio que não, mas as determinações do edital mencionadas resultaram na minha impossibilidade de solicitar tais recursos e, portanto, garantir um conforto mínimo durante as aulas com materiais de acessibilidade que seriam adquiridos. Apesar disso, os auxílios financeiros concedidos pelas universidades públicas são indispensáveis à permanência dos estudantes inseridos em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. Claro que não garantem totalmente a permanência, mas sem estes auxílios certamente as dificuldades seriam ainda maiores.

Outra questão que se soma às expostas é o estresse decorrente das atividades online. Reuniões de projetos, do Centro Acadêmico, de monitoria, aulas online, documentários, filmes, estudos dirigidos, textos e tantas outras atividades realizadas no SLS têm propiciado o adoecimento físico e mental de toda a comunidade estudantil do IMS/UFBA (não somente). Durante o semestre, o sistema psicofísico foi sendo afetado, mente e corpo sofrendo um estresse quase que diário, ora pela quantidade de horas em frente ao computador, ora pela impossibilidade de acompanhar as aulas, consequência da inadaptabilidade do material didático e das metodologias adotadas, e quase sempre pela dificuldade em me concentrar nas leituras e demais atividades acadêmicas.

O estresse, o cansaço físico e mental e todo o processo de adaptação às aulas e demais atividades online geraram insegurança e incertezas, afetando todo o processo de aprendizagem. É desafiador manter a concentração nos estudos num contexto tão incerto e instável como o atual; é difícil entrar no quarto e permanecer ali por quatro horas ininterruptas, tentando ler um artigo ou responder o Estudo Dirigido ao mesmo tempo em que outras atividades de casa demandam sua atenção, mas, apesar das tantas dificuldades, ganhos também foram trazidos pela pandemia, afinal, nem tudo foi pausado, a vida continuou pulsando na existência singular de cada um.

Nem tudo foi perdido, nem tudo foi retirado da minha vida, particularmente, pois, parafraseando Viktor E. Frankl: “Tudo pode ser tirado de uma pessoa, exceto uma coisa: a liberdade de escolher sua atitude em qualquer circunstância da vida”. Com isso, usei de minha liberdade tão condicionada, sobretudo no momento atual, para dar novos sentidos à minha existência, ou reencontrar os que haviam escapados da minha consciência.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autora: Fernanda Silva Pereira – Psicologia - 5º Semestre

Nesse relato focarei em um ponto: saúde mental em tempos de pandemia. Parte disso, em decorrência de ser uma estudante de psicologia e entender a importância de falar sobre essa temática, e também por ter sido diretamente impactada pela pandemia.

Ser estudante dentro de uma universidade é um desafio porque é um ambiente cheio de incertezas. Incerteza em relação a conclusão do curso, de conseguir atuar na área depois de formada, ainda mais quando se faz parte do público de baixa renda, como é o meu caso e existe a incerteza de permanecer na graduação em decorrência de condições financeiras. Tudo isso, somado ao peso de fazer uma graduação bem-feita acaba por impactar a nossa saúde mental. Não são poucos os casos de alunos com ansiedade, depressão e outros transtornos desenvolvidos ou potencializados no ambiente acadêmico. No ano de 2020 essa condição particularmente piorou porque viver em uma pandemia impacta o emocional. Não podemos ver os familiares, os amigos, sair e fazer coisas que gostamos. E, no meu caso, que sou de grupo de risco ao COVID-19, a cada caso confirmado, a cada morte, eu ficava ainda com mais medo. Medo de morrer, medo de adoecer, medo de ter minha saúde prejudicada. Tinham dias em que a ansiedade era tanta que eu não tinha a menor condição de estudar ou de fazer as tarefas da casa, por exemplo. Aos poucos eu fui entendendo que essa era uma realidade e teria que me adaptar a ela. Comecei a cuidar ainda mais da alimentação para manter uma boa

imunidade, a praticar exercícios em casa e também estudar coisas que gosto, mas, quando eu estava conseguindo controlar a minha ansiedade e a viver um dia de cada vez, minha família inteira adoeceu em decorrência do covid. Foram semanas de extrema ansiedade, e, como estudante de psicologia fui posta em um papel: o de ouvir todo sofrimento dos meus familiares doentes enquanto lidava com a piora do quadro clínico do meu avô, de 96 anos. Ele ficou internado por meses, e neste período, eu não dormia, não comia bem, e não me tratava como prioridade. Depois de muito sofrimento ele veio a falecer por complicações do covid. Às vezes, não sei como suportamos tanto sofrimento, mas, tive que me reerguer mesmo com tanta dor para cursar o semestre suplementar e me dedicar a graduação, para mim isso foi muito difícil. Não são tempos fáceis e, por isso, mais do que nunca, a gente precisa do apoio da Assistência Estudantil, pois, é muito complicado permanecer em uma universidade sendo de baixa renda. Meu conselho para quem está passando por um momento difícil é: procure ajuda. Existem alguns serviços de psicologia que atendem gratuitamente, inclusive o da UFBA. Há também psicólogos que cobram preço social (reduzido) para estudantes de baixa renda. Priorize sua saúde mental e não minimize seu sofrimento.

OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA E ENSINO REMOTO

Autora: Magnólia Oliveira Carvalho – Psicologia - 9º Semestre

Imagem do IMS-CAT enviada pela discente

É compreensível no atual contexto de pandemia que tal situação tenha afetado a todos e não somente discentes e docentes, visto que toda a população foi submetida a mudanças rápidas e inesperadas, nas quais, ciclos de contatos foram interrompidos repentinamente. Saímos de um espaço que estávamos habituados, e fomos obrigados a retornar e permanecer em nossas residências, e nos reinventar diante de um fenômeno invisível e desconhecido, que ainda, hoje se sabe muito pouco.

Sempre vou me recordar daquele momento, tivemos duas semanas de aulas mais ou menos, e o semestre foi interrompido. Na época não haviam casos do vírus na cidade, mas o fato de ser usuária do transporte público me trazia muita preocupação, era tudo muito novo, e o contato com outras pessoas era motivo de insegurança. Com a interrupção das aulas no mês de março, vieram também as angústias, e um alto nível de cobrança e ansiedade.

Claramente, o semestre estaria perdido, da mesma forma, já se previa que não concluiria o curso como o planejado. Os dias foram passando, e o costume da correria de acordar cedo e não ter hora certa para voltar, foram transformados em tristeza por não saber o que fazer para permanecer em casa. Logo no início a tarefa mais difícil era permanecer no ambiente domiciliar e para preencher os dias longos, dormia para o tempo passar. E para minha surpresa junto com todas as mudanças e incertezas, comecei a apresentar sintomas de febre, falta de ar, fadiga em excesso e ainda dores de cabeça, pronto, já achava que seria o primeiro caso na cidade a estar com o vírus, quando na verdade, era apenas uma pessoa emocionalmente afetada, por não saber lidar com tal situação.

O ensino remoto foi adaptado, digamos para um novo normal, junto com ele novos desafios, e a necessidade de ressignificar as experiências, os aprendizados e a capacidade de enfrentamento. O ensino a distância trouxe também um certo vazio, carregado de ausências e incertezas, caracterizado por um momento tenso e complexo para todos, sendo necessário desenvolver a criatividade, novas habilidades, capacidades, desejo de aprender e autonomia diante do inesperado, entendendo que ele não se resume somente a formatos virtuais, exige também paciência e disciplina.

Após o afastamento do meio acadêmico, houve uma maior aproximação com as tecnologias, bem como, as novas formas de ver o outro. Entendendo que o momento é delicado, e que ainda estamos distantes, faz-se necessário acolher, manter vínculos, passarmos mensagens positivas e de tranquilidade, contribuindo assim com a saúde mental e emocional tanto das pessoas ao nosso redor, quanto das outras que se encontram do outro lado da tela.

De início as dificuldades foram indescritíveis, aderir a esse novo formato com aulas síncronas e assíncronas, aprender a trabalhar com as diferentes ferramentas e plataformas, por vezes complicadas no acesso, o manejo com os meios eletrônicos, considerando que internet é algo instável, a percepção de dificuldades na aprendizagem, atividades em excesso e carga mental esgotada, entre outros.

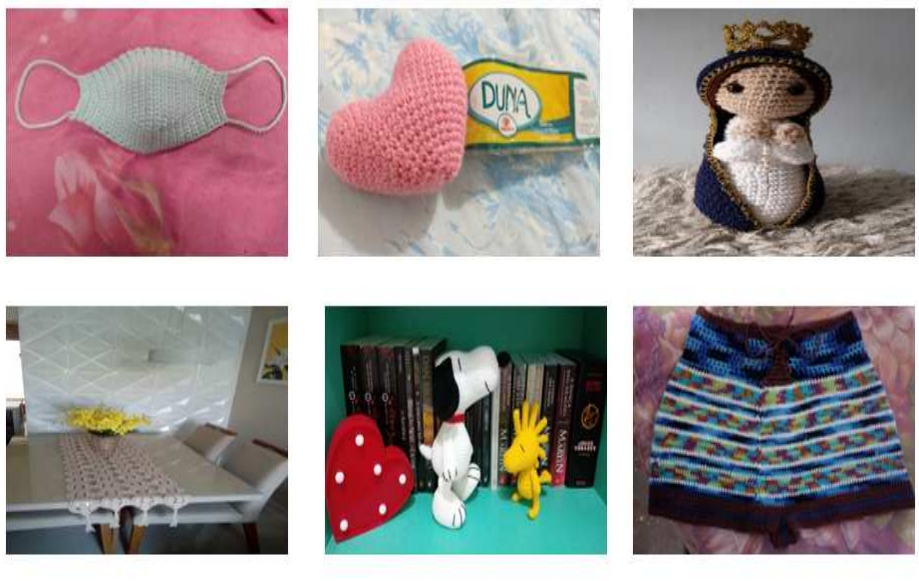
É imprescindível compreender que todos estão passando por este momento atípico, e estão tentando fazer o melhor possível, sendo esta uma novidade para muitos docentes, discentes, e outros setores. Descobriram-se novas formas de ensino que talvez muitos não haviam experimentado antes. Cabe assim, valorizar os esforços e as buscas por trabalhos eficientes que

sejam capazes de dar conta de determinadas demandas.

É plausível dizer que foi necessária uma pandemia para muitos compreenderem que a universidade não é somente um edifício, mas sim um espaço de convivência social e contatos reais.

2020: O ANO DE DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Autora: Aline Joyce Santana Oliveira – Enfermagem - 7º Semestre



Imagens enviadas pela discente: trabalhos realizados no projeto

Meu nome é Aline Santana, tenho 27 anos, atuo no PET-Saúde (Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde) e em 2020 iniciei o 7° semestre de Enfermagem na Universidade Federal da Bahia – UFBA. Minhas expectativas para os semestres finais eram tão grandes quanto os novos desafios que estavam por vir.

Em março, devido à pandemia da covid-19, as atividades presenciais foram paralisadas e durante as primeiras semanas em casa a sensação de que tudo iria se resolver brevemente se misturava com o medo do desconhecido. Após o primeiro mês com distanciamento social outras preocupações surgiram: o medo do desemprego, o medo de adoecer, os conflitos em casa por conta do convívio, o ócio, a ansiedade, as incertezas sobre o futuro e o luto ao perder entes queridos para a doença. Em casa tivemos que ter muito jogo de cintura para conseguirmos pagar as contas em dia. Diante disso, o auxílio fornecido pela Universidade foi uma garantia muito bem-vinda para ajudar com boa parte das despesas nesse momento tão anormal e triste na história da humanidade.

Aos poucos compreendemos que ficar em casa em tempo integral era impossível e, dessa forma, adotamos estratégias para encarar o novo e, assim, retomar a rotina dentro do que fosse possível. O primeiro retorno foi ao Projeto. Trabalho com saúde mental em uma Unidade de Saúde da Família - USF e no Centro de Atenção Psicossocial - CAPS II, nos quais antes da pandemia realizavam oficinas de artesanato e de artes diversas, respectivamente.

Em conjunto arranjamos maneiras de voltar às atividades de forma remota, sendo o meu destaque a oficina de crochê que já existia antes do novo cenário. Mais do que qualquer outro contexto a pandemia do coronavírus trouxe à tona problemas de saúde mental, sejam eles por conflitos no convívio familiar, isolamento, desemprego, entre outras situações.

Pessoalmente, durante esses oito meses sem retornar presencialmente para minhas atividades procurei me distrair de diversas formas, mas o crochê foi um instrumento terapêutico e financeiro de extrema importância. E, dessa forma, acreditei nesse artesanato como potencializador social, uma forma de garantir renda e reduzir a carga emocional nesse período. Iniciei a oficina de crochê de forma online com as usuárias dos serviços citados anteriormente. No mesmo período, a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista - PMVC lançou o edital de cultura Gildásio Leite, o qual premiava alguns artistas da cidade. Decidi, então participar e tive o grande prazer de ficar entre as pessoas selecionadas.

O segundo retorno foi ao ensino online da Universidade. Aqui, mais uma vez, vieram vários desafios, uma grande sobrecarga e muito desgaste emocional. A dificuldade com acesso à internet e com os equipamentos eletrônicos se tornaram desafiadores para a manutenção do semestre. Além disso, não ter acesso a livros também contribui para as dificuldades. Por esses e outros motivos me senti desmotivada e acabei trancando uma das disciplinas que optei cursar. Para finalizar esse texto, queria ressaltar a importância do artesanato no cuidado com a saúde mental.

ENSAIOS DE UMA PANDEMIA

Autor (a): Optou por não se identificar – Enfermagem - 7º Semestre

Imagem enviada pelo (a) discente: Espaço de estudo

O ano de 2020 só reforçou o quanto não temos controle sobre o tempo e nem sobre determinadas coisas na nossa vida. Deus é quem controla tudo. A pandemia da Covid-19 postergou inúmeros sonhos e planejamentos de uma pessoa ansiosa que vivia fazendo listinhas para tentar caminhar bem. Nossa vida não passa de uma caixinha de surpresa, mas cabe a nós tentarmos ser melhores a cada dia.

Não posso dizer que passei ilesa por essa pandemia. Tive altos

e baixos dentro dos meus transtornos de ansiedade e humor depressivo. Por esses motivos, recorri à terapia online por estar em outra cidade. E tem sido de grande valia, pois juntamente com a atividade física, tem sido possível controlar as emoções.

Diante desta situação, abri mão de um componente ofertado no semestre suplementar por não conseguir dar conta. Isso me deixou triste, porém existem momentos em que devemos saber a hora de parar e abrir mão de certas coisas em benefícios da nossa saúde.

Entre problemas financeiros e de saúde (meus e da minha família) venho sobrevivendo, matando um leão por dia e tentando dar o melhor de mim em todos os aspectos. Nesse sentido, os auxílios financeiros da PROAE foram e continuam sendo de muita importância para minha permanência, pois mesmo em período de pandemia, os gastos continuam.

Nesse período precisei trazer algumas coisas da minha casa em Vitória da Conquista para poder melhorar a qualidade do ensino remoto aqui na minha residência em Itapetinga, como por exemplo: minha escrivaninha, alguns livros, cadernos, minhas canetas preferidas, post-its e bloquinhos de anotações. De certa forma, é desafiador voltar para casa depois de anos morando sozinha, sem minha família. Adequar-me novamente à rotina da minha mãe e aos imprevistos que surgem com familiares até dentro da nossa própria casa é árduo.

E sigo assim, dia após dia, esperando o dia de reencontrar os colegas, conversar pertinho e abraçar, o dia do retorno das aulas, das práticas e rotina presencial. À espera de dias melhores, com mais cuidados à saúde, com mais respeito ao serviço de saúde no geral e principalmente, com mais respeito ao SUS.

EMERGENCIALMENTE, QUE UNIVERSIDADE ESTAMOS CONSTRUINDO?

Autores:

- **Fernanda Beatriz Melo Maciel – Medicina - 5º Semestre**
- **Hebert Luan Pereira Campos dos Santos – Medicina - 5º Semestre**

Frenética e perceptível foi/é a transformação alavancada pela pandemia do novo Corona vírus. Ao tempo de um despertar foram ressignificadas muitas das bases organizacionais que nos integram e constituem socialmente, em ênfase, para essa reflexão, a universidade.

Não obstante, para além das marcas impostas pelo curso natural do vírus, envereda-se ainda, nessa narrativa, as marcas oriundas da vivência deste acontecimento à nível coletivo e individual. Afinal, são silenciosos os registros e as impressões que cada um obteve/ obtém e que implicam na experimentação e adequação aos novos moldes de ensino/ aprendizagem, assim como os seus impactos nas dimensões física, psicológica e sociocultural dos envolvidos.

Estamos alicerçados em pilares institucionais que vislumbram o papel da Universidade de forma transcendente a formação profissional, incorporando em sua missão a formação de indivíduos receptivos, criativos, inovadores, críticos, empreendedores e, sobretudo, excelentes como cidadãos (MELLO; ALMEIDA FILHO; RIBEIRO, 2009). A fundamentação e a experimentação desta Universidade, para tanto, requer para além do binômio ensino-aprendizagem uma integração e coesão discente-docente, assim como dos demais colaboradores e servidores, para que haja uma consolidação de aparatos sociais que contribuam para a vida acadêmica e o bem-estar dos incluídos, inclusive em cenários de eventualidade, como o que estamos agora vivenciando.

Nesse sentido, convido-vos a ponderar: Que Universidade, emergencialmente, nos tornamos? E como essa nova Universidade é concebida, interpretada e interpreta aqueles que a constituem perante essa nova realidade?

Irreparavelmente, as necessidades impostas por essa nova realidade e as adaptações educacionais emergentes colocam em cheque a fragilidade em manter esses objetivos e torna-se um desafio na atualidade, cujo propósito perpassa pela garantia do processo educacional compatível com a qualidade historicamente experimentada, agora acrescida pela tele-educação, sem negligenciar os aspectos socioculturais do espaço acadêmico e a responsabilidade para com a saúde estudantil.

No transcorrer de 10 meses questiono-me se as “portas”, mesmo que imaterialmente, dessa nossa universidade manteve-se aberta para todos. Com efeito, do ponto de vista pragmático e reducionista, as metas de ensino estão sendo alcançadas, os assuntos estão sendo repassados, para alguns o momento oportunizou o autoconhecimento e o desenvolvimento de novas competências, tais quais o ganho de autonomia, motivação, interesse para o aprendizado, o gerenciamento do tempo e da forma de estudo, sobretudo para aqueles que vivenciam emoções mais positivas vinculadas a esses processos.

Todavia, não são todos que se sentiram preparados para esses acontecimentos e a necessidade de migrar para um sistema online de ensino-aprendizagem despertou/despertam percepções de forma mais inesperada, principalmente por exigir um grau sofisticado de organização, concentração e a mobilização de competências que ainda são desconhecidas. Em paralelo, tem gerado sentimentos como o de insuficiência e

desnorteamento até mesmo em situações que de outro ponto de vista podem ser entendidas como simples e tranquilas, como a perda de um prazo, a falta de interesse por determinado conteúdo, a falta de prática e acessibilidade com a nova metodologia de ensino, a estadia em uma sala de aula virtual multinível e outros. Tais aspectos precisam ser levados em consideração, pois juntos podem refletir, inclusive, em um maior grau de evasão, quando verificado um baixo aproveitamento e rendimento por parte do discente.

Entre os relatos de sucesso e insucesso a este "novo" modelo de aprender não se pode esquecer dos danos físicos e as sequelas psicológicas que essa emergência em saúde pública tem demandando. Soma-se a este cenário as disparidades sociais, emocionais e econômicas que permeiam a vida dos e das estudantes, ao diagnóstico incerto e duvidoso sobre o futuro, as relações familiares disfuncionais e a falta de suporte psicológico para lidar com as demandas socioemocionais da pandemia.

Entre telas e microfones escondem-se realidades distintas que o olho a olho entre professor e aluno poderia descortinar, ou o apoio emocional entre colegas que viram famílias poderia auxiliar. O ambiente virtual pode estar "mascarando" uma nova universidade, que segue viva, porém entristecida, angustiada e, possivelmente, ansiosa. Ansiosa pelos diversos dilemas existenciais: pessoas enlutadas pela perda de entes queridos, incertezas frente ao processo de continuidade do curso, principalmente por aqueles que se encontram próximos ao período de conclusão, a convivência com famílias disfuncionais ou estruturas familiares que despertam gatilhos emocionais de incompetência, de desqualificação e de não valorização ao formato de ensino à distância.

É importante, deste modo, compreender a universidade como ponto de apoio, como espaço de acolhimento e socialização, e que querendo ou não, torna-se também nesse momento, assim como anteriormente, um espaço terapêutico. Muitas das relações estabelecidas dentro da instituição não são possibilitadas ao regresso ao município de origem, visto que não são homogêneas as redes de apoio encontradas, inclusive para aqueles com deficiências ou necessidades educacionais especiais. É partindo disso, que essa reflexão nos convida a pensar: emergencialmente, que universidade estamos construindo?

Referência:

Mello AF, Almeida Filho NA, Ribeiro RJ. Por uma universidade socialmente relevante. Atos Pesqui. Educ. 2009; 4(3):292-302.

O IMPACTO DO "NOVO NORMAL" NA VIVÊNCIA ACADÊMICA E SAÚDE MENTAL

Autor (a): Optou por não se identificar – Psicologia - 7º Semestre

Os efeitos do COVID-19 têm se mostrado a cada instante dos dias e em cada passo dado por nós. O medo do novo, do inseguro e do patológico nos atravessa de forma avassaladora, trazendo novas formas de pensar, agir, se vestir e se portar. O toque já não pode ser dado, o abraço ficou de lado e a perda de pessoas conhecidas tem nos machucado. Nesse novo contexto muitas coisas mudaram, precisei me deslocar de Vitória da Conquista e passar esse período em minha cidade, no interior. Precisei adaptar algumas questões como, por exemplo, contratar uma boa internet que suporte assistir às aulas de maneira que não ocorra oscilação na rede para não perder o conteúdo, já que as aulas que assisto não ficam gravadas. Este plano de internet custou um valor que não estava em meus planos e condições, afinal em minha casa só tínhamos acesso à internet móvel. Os meios para assistir às aulas não são os mais adequados, o computador que uso está chegando ao fim da sua vida útil. Sempre que está ligado emite ruídos como se algo estivesse sendo quebrado internamente e, por vezes, saem faíscas dele, como se estivesse queimando. O teclado não funciona, deste modo não consigo digitar conteúdos das atividades. Dadas as condições, solicitei os auxílios para melhoria ou aquisição de equipamentos e para a internet oferecidos pela instituição. Fui contemplada com o auxílio de apoio à inclusão digital para custear a melhoria do equipamento e espero que com esse auxílio eu consiga resolver as principais questões. Como o auxílio ainda não foi enviado e as aulas estão ocorrendo, precisei investir em alguns materiais para conseguir utilizar o computador.

Além das condições eletrônicas, outra dificuldade é o espaço para estudos. Minha casa é situada ao lado de uma marcenaria, volta e meia os ruídos de máquinas dispersam meu foco. Com isso, muitas vezes, sou impossibilitada de participar das aulas, pois o barulho atravessa minha fala, ficaria assim inviável alguém me ouvir. As dificuldades nem sempre ocorrem apenas do nosso lado, alguns professores dispõem de internet que oscilam bastante, com isso, o fluxo de sinal e falas são travadas, mesmo retomando o conteúdo algumas coisas se perdem. Sendo assim, meu rendimento caiu significativamente, não tenho foco para assistir às aulas, por mais que faça leitura prévia do conteúdo, a atenção prestada é bem reduzida. Além do fato de que alguns professores não compreendem nossa individualidade, nossos desafios e não organizam bem as aulas e materiais a serem transmitidos, deixando assim, uma lacuna no processo de aprendizagem.

Embora existam questões de infraestrutura, vieram também as questões financeiras. Com o início da pandemia, meu pai que me mandava uma pensão alimentícia teve sua jornada de trabalho reduzida, assim também reduzindo a quantidade de dinheiro que

poderia me enviar. Porém, continuo tendo as despesas em Vitória da Conquista com aluguel, mesmo buscando negociação com os proprietários do imóvel, nada foi resolvido.

Em casa, preciso arrumar tempo para as atividades do lar e os conteúdos da universidade, embora em Vitória da Conquista também fosse assim, aqui é um pouco diferente, a modalidade de aulas exige mais atenção e as leituras para as aulas estão mais intensas do que eram da forma presencial. Quando as aulas ocorriam na UFBA, eu tinha um bom tempo poupado com o preparo das refeições, pois, almoçava no refeitório.

Estar de volta à minha terra e não poder desfrutar da companhia das pessoas que amo é uma das coisas mais difíceis para mim. Estava acostumada a viajar para a minha cidade e poder ir visitar meus avós, meus primos, tios e amigos, mas devido ao cenário atual estou impossibilitada, e isso, sempre me traz angústias. O medo de visitar minha avó, que se encaixa no perfil do grupo de riscos por ser idosa, diabética e hipertensa, e poder contaminá-la, me assola. Essas perturbações, por vezes, inquietam meu sono, trazendo pesadelos, noites mal dormidas e cansaço no dia seguinte. O desejo maior é que isso acabe e as coisas voltem a serem próximas ao que era antes, pois, exatamente igual, seria impossível.

QUILOMBOLA NA UNIVERSIDADE É QUILOMBOLA NA LUTA QUILOMBOLA

Autora: Angela Luisa Brito de Sousa – Nutrição - 5º Semestre

Nós, estudantes quilombolas, universitárias (os) e pré-universitárias (os) com o apoio de nossas famílias e das nossas comunidades, com a luta de nossas lideranças, somos uma realidade forte e presente em todas as universidades públicas da Bahia que, desde 2004, adotam cotas para quilombolas. Neste momento, somos mais de mil estudantes universitárias (os) quilombolas da Bahia. Em diversas universidades, já estamos organizados em coletivos de estudantes quilombolas. E esses espaços de troca são também uma forma de empoderarmos na luta pelas pautas étnico-raciais dentro da universidade. Nosso ingresso na universidade não é, e nunca foi, algo tão simples ou fácil. Quem tem algum parente na UFBA, UESB, UEFS, UESC, UFRB, UFSB, UFOP, ou UNEB sabe o que enfrentamos nos processos seletivos, as mudanças para cidades que não conhecemos, o racismo que impera nas instituições, o desnível entre a educação básica que recebemos e o nível educacional desses centros de excelência da produção do conhecimento científico. Se perguntarem se estamos felizes de termos chegado lá? Sim, estamos. Mas, também estamos muito apreensivos com tudo que está acontecendo no país nos últimos anos e, especialmente, nesse período de pandemia. Vemos nossa permanência na universidade em jogo com cortes de bolsas (que nos mantém) em meio a uma pandemia nos causando diversas preocupações. Vemos com aflição as várias portarias e resoluções oriundas do MEC/FNDE para que nossas universidades corte o que para a maioria de nós é o único meio de manutenção, no tempo mínimo que teríamos para concluir, ignorando todo o contexto e especificidade de cada estudante que justificaria o atraso na conclusão do curso. Vemos nossa saúde mental ser afetada ao enfrentar os desafios de um semestre on-line, morando em comunidades rurais ou periféricas sem suportes tecnológicos e financeiros. Vemos ameaçados os nossos direitos enquanto povos tradicionais. Vemos aumentar a violência no campo, nossas lideranças serem perseguidas e mortas e um governo que não tem como projeto o desenvolvimento de nossas comunidades. Ao contrário, ele quer as nossas terras cuidadas desde os tempos de nossos ancestrais. Eles estão de olho é nas riquezas naturais de nossas comunidades. Mas, se a luta é o que nos trouxe até aqui, continuaremos lutando. Inclusive para nos mantermos na universidade. E nosso projeto é sim de voltarmos para as nossas comunidades e contribuirmos efetivamente com o fortalecimento do nosso povo. Assim, queremos deixar duas contribuições para a reflexão. A primeira é que queremos participar ativamente da construção da cidadania quilombola. A liberdade de expressão, de ação e de pensamento, estudantes quilombolas, é a nossa condição para participarmos enquanto sujeitos. Não queremos ser massa de manobra, não queremos que velhos vícios de pseudo formas de liderança aniquilem nossos sonhos, nossa utopia de uma sociedade onde todas e todos sejam respeitados e valorizados em sua autonomia e em sua verdade. Não podemos cair na armadilha de reproduzir os mecanismos que o capitalismo, o patriarcado e o racismo utilizaram durante séculos para nos oprimir, para nos calar, para nos dividir enquanto povo. Queremos participação ativa. Entendemos como urgente que a Lei 10.639/02 e a Educação Escolar Quilombola sejam garantidas em todas as etapas da educação básica, estendendo ao ensino superior e não apenas em projetos esporádicos e folclorizantes. Queremos que seja reconhecida a nossa luta, não só para ingressar na

universidade, mas também para nela sermos reconhecidos, acolhidos e respeitados. Somos parentes, somos irmãos, e talvez vocês não consigam imaginar o quanto nos custa caro vencer cada semestre dentro dessas instituições frias, elitistas, brancas, em nada parecida com tudo que vivemos nas nossas comunidades. A segunda demanda que trazemos é que neste exato momento, todas as universidades públicas da Bahia estão rediscutindo as cotas quilombolas, inclusive aquelas que nunca adotaram as cotas quilombolas e, por isso, praticamente estamos de fora dessas instituições. A UNEB, maior universidade estadual da Bahia, adotou cotas para quilombolas no último vestibular. Grande vitória da luta quilombola. No entanto, ainda adota nota de corte no vestibular, eliminando a maioria dos quilombolas que prestam a prova. E, para não pagar a taxa de inscrição do vestibular da UNEB, o estudante quilombola é avaliado nas notas de Português e Matemática do Ensino Médio, sendo a maioria eliminada por não possuir notas altas no ensino médio. Sabe-se que foi pela qualidade da educação básica a que nossas comunidades têm acesso que foram criadas as cotas quilombolas. Contudo, enquanto prevalecer a meritocracia na isenção de taxa e na nota de corte do vestibular, as vagas quilombolas ficarão sem serem preenchidas, mesmo que centenas de quilombolas sonhem ocupá-las. Na UESB, universidade com 47 cursos, presente em Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga, a maioria das vagas adicionais ficam sem serem ocupadas pelos mesmos motivos. A isenção de taxa ainda é uma pedra da burocracia no nosso caminho. A nota de corte corre o risco de continuar sendo uma barreira contra os nossos sonhos. Queremos denunciar à burocracia que enfrentamos nos processos de seleção de bolsas de estudos em todas as instituições de ensino, especialmente as estaduais. Depois de quase duas décadas da aprovação das cotas ainda não temos cotas quilombolas no IFBA e no IFBAIANO, duas instituições presentes em todas as regiões da Bahia e que utilizam o SISU como forma de ingresso. Enquanto não houver cota quilombola no IFBA e no IFBAIANO essas instituições estão dizendo que não nos querem lá dentro. Mas nós queremos. E exigimos que as cotas para quilombolas, tanto no IFBA, quanto no IFBAIANO sejam aprovadas em caráter de urgência. Por fim, trazemos o nosso grito contra o racismo diário que sofremos nas salas de aulas, por parte de professores, colegas e funcionários. O racismo existe e diariamente tenta nos desautorizar de que estamos no caminho certo. Mas sabemos que não estamos sozinhos. Sabemos que temos organizações negras e quilombolas que há séculos lutam para que a sociedade se liberte de todas as formas de opressão. Vamos resistir juntos contra o fascismo e contra o neoliberalismo. A utopia de uma sociedade quilombola é o que nos move.

EM FACE DE UMA REALIDADE INESPERADA: DIFICULDADES E DESAFIOS

Autor (a): Optou por não se identificar – Farmácia - 5º Semestre

A pandemia do novo coronavírus ocasionou um grande impacto no mundo, tendo os seus efeitos repercutidos até hoje, os quais estão longe de acabar. Quando as aulas foram paralisadas em março devido a sua chegada no Brasil, não imaginava que fosse durar por muito tempo, tanto é que deixei minhas coisas em Vitória da Conquista, com a intenção de voltar dias depois, considerando que sou de outra cidade. Na casa dos meus pais, fiquei na expectativa otimista de que tudo voltasse ao normal, mas essa situação logo mudou quando, nos jornais, vi as perturbações e agravos que essa nova doença estava causando. Muitas pessoas começaram a perder seus empregos e as possibilidades de renda começaram a se tornar escassas. Como todas as outras, a minha família também não escapou desse abalo. Para mim, tudo teria ficado mais difícil se não fosse o auxílio com o qual fui contemplado pelo PROAE, haja vista que tinha acabado de assinar um novo contrato de aluguel em Vitória da Conquista, ao qual estou tendo que pagar até o momento e perdurará até o ano que vem. Minha família não teria condições de arcar com essa despesa, então sou muito grato à universidade por todo o apoio que tem dado, não só a mim, mas a todos os estudantes que se encontram em uma situação de vulnerabilidade social.

No início, foi muito difícil aceitar aquela nova realidade. A previsão para retorno das aulas era em julho (o que, como já se sabe, não aconteceu). Desde então, comecei a ficar preocupado pelo atraso que isso iria acarretar no meu curso, fato que lamentei muito, ao pensar que o ano havia sido iniciado com o calendário totalmente regularizado. Ademais, já estava acostumado com a minha vida na cidade de estudo, por isso, o retorno para a minha cidade, a convivência com a família, não foi muito legal, ainda mais por todo o contexto vivido. Meu psicológico acabou sendo muito afetado pois, foi uma mudança radical e muito repentina no estilo de vida, coisa que nenhuma pessoa estava preparada para encarar.

Contudo, com o passar do tempo, fui me acostumando, logo que não havia muito o que fazer senão esperar, ter paciência e torcer para que toda a tensão amenizasse. Por outro lado, nesse intervalo de tempo, foi notório o crescimento de utilização da internet, dos meios de comunicação digitais, o que pôde minimizar a saudade dos colegas e amigos, e também reforçar o valor que a amizade de cada um deles tem para mim. Claro que, até o momento, não tive oportunidade de me encontrar com a maior parte deles, mesmo porque, muitos moram em outras cidades, mas sigo na expectativa de que em breves dias isso possa acontecer.

Veio então o I Congresso Virtual da UFBA. Como faço parte do projeto, também deixei a minha contribuição nele. Foi uma experiência legal e muito rica, ajudou a dar uma distraída na minha mente e a me envolver novamente com algo relacionado a vida acadêmica. Veio então a notícia de que não retornaríamos mais as aulas presenciais esse ano, o que me deixou de sobremaneira triste, mas não havia o que fazer. Em seu lugar seria iniciado o Semestre Letivo Suplementar (SLS), de forma remota. De todo modo, fiquei satisfeito por ter a oportunidade de poder socializar novamente com meus colegas, amigos e professores, ter aquela sensação de estar estudando outra vez, mesmo que virtualmente.

Esse semestre tem me feito bem, me deu muitas ocupações e também a possibilidade de cumprir com alguns componentes curriculares para tentar minimizar o prejuízo quando retornar presencialmente. Não tem sido fácil estudar totalmente pelo notebook, na verdade é um desafio, visto que não tenho um espaço adequado para me concentrar e, às vezes, o equipamento também não ajuda, mas estou me esforçando desde o início, assim como toda a comunidade acadêmica, para fazer com que isso venha a dar certo.

No decorrer do processo, muitas dificuldades surgiram principalmente no que tange a absorção dos conteúdos que eram passados, como já era de se esperar. Apesar disso, todos os professores das matérias às quais estou cursando têm nos auxiliado na medida do possível, sempre disponíveis para sanar dúvidas em relação aos assuntos ministrados, bem como adaptando às diversas formas de ensino e avaliação para facilitar o nosso aprendizado, mas nunca diminuindo o nível de exigência e esforço de nossa parte, o que é certo. Claro que, nessa reta final do SLS, a carga de trabalhos está sendo um pouco maior, mas estou conseguindo dar conta de tudo e espero finalizá-lo com sucesso, sendo aprovado em tudo.

No demais, torço e muito para que no próximo semestre pelo menos as atividades no formato híbrido sejam aprovadas, pois, meu curso depende quase em sua totalidade de atividades práticas para ser realizado. Já estamos com um ano de atraso, e certamente ele não será recuperado até eu concluir o curso. Espero que os órgãos competentes da universidade, bem como do IMS-CAT onde estudo, façam o possível para viabilizar o nosso retorno e impedir que o prejuízo dos discentes se torne ainda maior. Logicamente, sinto falta de tudo e de todos, e fico na expectativa de que brevemente possamos estar juntos outra vez. Para finalizar, manifesto aqui a minha satisfação, prazer e orgulho em fazer parte da comunidade UFBA!